



G O L D E N D R E A M S
B R A S I L

Cinco contos, *para o sono.*

*Um livro de cabeceira
para os amigos da First Edition*

H A N S C H R I S T I A N A N D E R S E N · E D I Ç Ã O I N A U G U R A L · 2 0 2 6

UMA NOTA DO FUNDADOR

Cinco contos, *para você.*

Enquanto desenhávamos a marca, voltamos repetidas vezes a cinco contos de Hans Christian Andersen — não como ornamento, mas como modo de pensar.

A Princesa que sente o que os outros não sentem. Jack, que carrega apenas o que encontrou pelo caminho. A Pequena Sereia, que sabe descer. Gerda, que derrete o gelo com calor humano. O Patinho, que enfim se reconhece na água.

Cinco contos sobre perceber melhor. O que, no fundo, é tudo o que pedimos de uma boa noite de sono.

Este pequeno livro é seu porque você escolheu a First Edition antes que houvesse muito o que escolher — um gesto silencioso de confiança que trabalharemos por anos para merecer.

Leia devagar. Foi feito para a mesa de cabeceira.

Eduardo Cazassa

Fundador · Golden Dreams Brasil

O LIVRO

O sono contado em cinco histórias.

Nenhum escritor moldou mais a imaginação dinamarquesa do que Hans Christian Andersen. Nascido em Odense em 1805, escreveu cerca de 160 contos que, ao longo de dois séculos, foram traduzidos para mais de 125 idiomas.

Seus contos não são histórias infantis. São pequenos tratados adultos sobre sensibilidade, transformação, solidão, desejo e descoberta. Por isso sobreviveram.

Os cinco contos a seguir não são o cânone inteiro. São os cinco aos quais mais voltamos — cada um iluminando uma dimensão de como pensamos o sono, a matéria e o quarto.

I	A Princesa e a Ervilha	SENSIBILIDADE
II	Jack the Dullard	SIMPLICIDADE
III	A Pequena Sereia	PROFUNDIDADE
IV	A Rainha da Neve	REFÚGIO
V	O Patinho Feio	TRANSFORMAÇÃO

A Princesa e a Ervilha.

Uma tempestade. Um castelo. Batidas na porta. Uma jovem mulher apareceu encharcada na entrada, com a água escorrendo pelos cabelos e pelo vestido, dizendo-se princesa.

A rainha-mãe, desconfiada, nada disse — mas preparou um teste silencioso. No quarto de hóspedes, naquela noite, colocou uma única ervilha sobre o estrado. Sobre a ervilha, vinte colchões. Sobre os colchões, vinte edredons de pluma, camada sobre camada, até a cama quase tocar o teto. A jovem subiu e dormiu ali.

No café da manhã, a rainha perguntou como ela havia dormido.

"Péssimo", ela respondeu. "Mal fechei os olhos. Havia algo duro debaixo de mim — estou roxa de tanto bater."

Era, então, uma princesa de verdade. Apenas uma verdadeira princesa poderia ter a pele tão delicada. O príncipe casou-se com ela. A ervilha foi colocada num museu, onde, salvo se tiver sido roubada, ainda repousa.

POR QUE ESTE CONTO

O corpo é um instrumento de medida mais honesto do que qualquer argumento de venda.

O conto é frequentemente lido como uma anedota sobre privilégio. Não é. É um conto sobre percepção — sobre o tipo de sensibilidade que não se aprende, não se compra e não se simula.

Na lógica de Andersen, a princesa não é reconhecida pela roupa, pelo sotaque ou pelo pedigree. É reconhecida pela resposta do corpo a um detalhe mínimo, escondido sob vinte camadas.

"Apenas uma verdadeira princesa poderia ter a pele tão delicada."

Essa é a lente pela qual desenhemos nossas peças mais refinadas. O corpo percebe a diferença entre um fio bem torcido e um fio apenas adequado; entre uma pluma escolhida e uma pluma qualquer. Nosso cliente é essa princesa contemporânea. Não no sentido da fábula, e sim no sentido de que percebe antes. É para ele, e para ela, que trabalhamos a casa decimal a mais de acabamento.

O QUE ESTE CONTO NOS ENSINA

Qualidade verdadeira é aquilo que o corpo identifica antes da razão. O nosso trabalho é proteger essa diferença — mesmo quando ninguém estiver olhando.

Jack *the* Dullard.

Três filhos. Três planos. O rei anunciara que sua filha se casaria com quem soubesse melhor agradá-la na conversa. Dois dos irmãos, considerados brilhantes por toda a família, puseram-se a trabalhar.

Decoraram dicionários — tanto o de latim quanto o jornal. Estudaram protocolo real. Poliram seus cavalos. O pai, orgulhoso, deu a cada um um corcel.

O terceiro filho — Jack, chamado de Pateta porque jamais dissera algo especialmente brilhante — pediu também um cavalo. Não havia mais nenhum.

"Então montarei o bode", disse Jack.

Sentou-se de costas no bode e seguiu trotando atrás dos irmãos. Pelo caminho apanhou coisas — um corvo morto, um sapato de pau, punhados de lama — e guardou cada uma no bolso.

Na corte, os irmãos enrijeceram diante da princesa. Os dicionários sumiram de suas línguas. Os discursos polidos desabaram. A princesa bocejou.

Jack se aproximou. "Está quente aqui."

"Sim", disse a princesa, "estou assando um galo."

"Então vou trazer meu corvo." Tirou-o do bolso.

"Como vai cozinhá-lo? Não tenho panela."

"Eu tenho." Tirou o sapato.

"E o molho?"

"Aqui." Tirou a lama.

A princesa riu. Depois escutou. Depois escolheu.

POR QUE ESTE CONTO

A coisa bem feita não precisa anunciar-se.

Andersen publica o conto em 1855. É a mais escandinava das suas fábulas sobre luxo. Os irmãos chegam cobertos de preparação — discursos decorados, cavalos de raça, sapatos polidos. Jack chega coberto de si mesmo, montado num bode, com os bolsos cheios de coisas encontradas. O que encanta a princesa não é a erudição. É a presença.

"Não preparei nada.

Trouxe apenas o que encontrei no caminho."

É um conto pequeno que carrega uma ideia enorme. Um tecido sabe falar por si. Uma cama bem desenhada chega ao quarto sem discurso — e, precisamente por isso, é reconhecida.

Na nossa linha Nordic, um dos travesseiros leva o nome de Jack. Cumpre o ofício como ele: sem pressa, sem ornamento — confiando que a matéria basta.

O QUE ESTE CONTO NOS ENSINA

Peças bem feitas não precisam se anunciar. Aparecem — e isso, quando é verdade, é suficiente.

A Pequena Sereia.

o fundo do mar, onde a água é azul como as pétalas da centáurea mais bela e clara como o mais puro vidro, mais funda do que qualquer âncora possa alcançar, vivia uma princesa num palácio de coral.

A luz caía filtrada, como neve sobre vidro. Ela era a mais nova de seis irmãs, e a mais curiosa. Uma vez por ano, no aniversário de cada uma, era permitido subir até a superfície e contemplar o mundo lá em cima. Cada irmã voltava com histórias — as torres das cidades, os sinos das igrejas, as vozes dos humanos chamando uns aos outros da praia.

A mais jovem esperou cinco anos pela sua subida. Quando o dia chegou, ergueu-se em silêncio pela água. Viu o céu pela primeira vez — as estrelas, as cidades, o luar sobre o mar. E viu um navio iluminado por lanternas, onde um príncipe estava em pé no convés, olhando o mar.

Apaixanou-se pelo mundo lá em cima. Para caminhar entre os humanos, trocou sua voz por pernas. Cada passo em terra firme seria como caminhar sobre facas. Ela não se queixou. O conto, quando lido como adulto, não é sobre romance. É sobre tudo o que existe sob a superfície — e sobre o que custa conhecê-lo.

POR QUE ESTE CONTO

Dormir bem é descer bem.

Andersen publica o conto em 1837. Em 1913, Copenhague instala no porto de Langelinie uma estátua da personagem — hoje o monumento mais visitado do país. Retirada a camada que a cultura de massa lhe pôs por cima, a fábula volta a ser o que sempre foi: uma meditação sobre a profundidade.

"No fundo do mar, entre os corais, a luz caía como neve sobre vidro."

O sono, para nós, é esse movimento de descer. É a travessia para um mundo que existe abaixo da superfície do dia — mais quieto, mais lento, mais profundo. Não é metáfora. É literalmente o que o corpo faz ao dormir: afunda em camadas, cada uma mais calma do que a anterior.

Nossa linha Signature foi pensada para acompanhar esse mergulho. A peça de assinatura da casa herda, da cultura em que foi gerada, o nome da fábula — Mermaid. Não pela personagem romântica, e sim pelo que ela representa.

O QUE ESTE CONTO NOS ENSINA

A peça certa é o que equipa o corpo para essa descida — todas as noites, sem alarde.

A Rainha da Neve.

Um mágico malvado certa vez fez um espelho que distorcia tudo o que era belo. Diante de uma flor, mostrava ervas daninhas. Diante de um rosto gentil, mostrava crueldade.

Ele levou o espelho até o céu para rir dos anjos — mas o espelho lhe escorregou das mãos e estilhaçou-se, espalhando-se pelo mundo. Dois fragmentos cravaram-se num menino chamado Kay. Um nos olhos, fazendo-o ver feiura em tudo. Outro no coração, que começou a endurecer em gelo.

Kay tinha uma amiga, Gerda. Viviam em duas pequenas casas frente a frente, com rosas crescendo em floreiras entre as duas. Num dia de inverno, Kay partiu com a Rainha da Neve — uma mulher alta de peles brancas, num trenó. Ela o beijou duas vezes: uma para entorpecer o frio, outra para fazê-lo esquecer.

Levou-o até um palácio de gelo. No grande salão havia um lago de gelo partido em mil pedaços. Kay tentou, dia após dia, arrumar os pedaços para formar a palavra ETERNIDADE. Não conseguia. Estava frio demais para pensar.

Gerda saiu à sua procura. Atravessou florestas. Dormiu entre renas. Caminhou um inverno inteiro descalça. Chegou enfim ao palácio. Não puxou Kay para fora. Não discutiu. Apenas chorou sobre seu peito, e as lágrimas quentes derreteram o fragmento em seu coração.

POR QUE ESTE CONTO

A lição não é sobre o frio lá fora. É sobre a qualidade do calor aqui dentro.

De todos os contos de Andersen, este é o mais arquitetônico. Existem dois espaços, e o conto inteiro é uma negociação entre eles: o palácio de gelo, de beleza absoluta e ausência de afeto; e a pequena casa aquecida onde Gerda foi criada — cheia de rosas, de imperfeição e de vida.

"No salão congelado, havia um lago de gelo partido em mil pedaços — tão iguais que pareciam obra de arte."

O Brasil não tem palácios de gelo. Tem algo mais sutil: quartos climatizados até os dezessete graus em noites de quarenta, apartamentos que vivem em inverno permanente por dentro enquanto a cidade arde por fora. O sistema escandinavo, longe de ser estrangeiro ao nosso clima, é especialmente útil aqui — onde o termostato, não a geografia, define a temperatura do sono.

Por isso fazemos duvets em três calibrações. E por isso pensamos o quarto como refúgio: o lugar onde o calor interior, leve e preciso, reorganiza o dia inteiro que antecede o sono.

O QUE ESTE CONTO NOS ENSINA

O quarto é o lugar onde o corpo reencontra o calor. Desenhamos peças para proteger essa chegada — todas as noites, sem exceção.

O Patinho Feio.

Era tão bonito no campo. O sol brilhava sobre uma fazenda larga e cercada por fossos, onde, debaixo de uma grande folha de bardana, uma pata chocava seus ovos.

Um a um, os ovos se romperam. Saíram pequenos patinhos amarelos, que olharam o mundo pela primeira vez e grasnaram de alegria. Só um ovo, maior que os outros, demorou mais. Quando finalmente se abriu, o patinho que dele saiu era cinzento, desajeitado e grande demais.

Na água ele nadava bem. Em terra, foi rejeitado. Os irmãos o bicaram. O galo da fazenda gritou ofensas. Ele foi embora.

Vagou pelos pântanos. Dormiu sobre a neve. Passou fome num inverno longo, meio escondido entre os juncos de um lago congelado. Pensou, mais de uma vez, que seria mais fácil morrer.

A primavera chegou. O patinho ergueu a cabeça e bateu as asas — e, para seu espanto, as asas o levantaram no ar. Voou. Pousou num lago onde três aves brancas flutuavam, as criaturas mais belas que ele já vira. Aproximou-se, esperando que o expulsassem.

Em vez disso, vieram saudá-lo. Ele inclinou a cabeça sobre a água, pronto para receber os bicos. E refletido na superfície tranquila, viu o que era. Não era um pato malfeito. Era, desde o começo, um cisne.

POR QUE ESTE CONTO

Não é sobre ficar bonito. É sobre finalmente se ver.

É o conto mais conhecido de Andersen e, por isso mesmo, o mais mal-lido. O protagonista não muda: ele sempre foi um cisne. O que muda é o espelho — e o tempo que foi preciso esperar até encontrar a água certa.

"Ao se debruçar sobre a água, o patinho viu refletido não mais um pássaro cinza e desajeitado, mas um cisne."

Existe um momento, na vida de cada cliente nosso, em que ele percebe que sempre foi alguém que dormia pior do que precisava. Não por culpa, não por falta de esforço — apenas por falta de repertório.

Uma noite sob o duvet certo, num sistema bem desenhado, é o equivalente doméstico desse olhar na água. O produto não inventa a diferença. Ele apenas mostra, finalmente, o que o corpo sempre soube procurar.

O QUE ESTE CONTO NOS ENSINA

Há pessoas que não dormem mal por natureza. Dormem mal porque ainda não experimentaram o repouso certo. Nosso papel é reduzir a distância entre uma coisa e a outra.



G O L D E N D R E A M S

B R A S I L

*Boa noite é uma frase.
Dormir bem, um ofício.*

Cinco Contos para o Sono · Um Livro para a First Edition · 2026

Contos adaptados de Hans Christian Andersen (1805–1875)

Interpretações da Marca extraídas do Brandbook Golden Dreams Brasil

goldendreams.com.br · [@goldendreamsbr](https://www.instagram.com/goldendreamsbr)